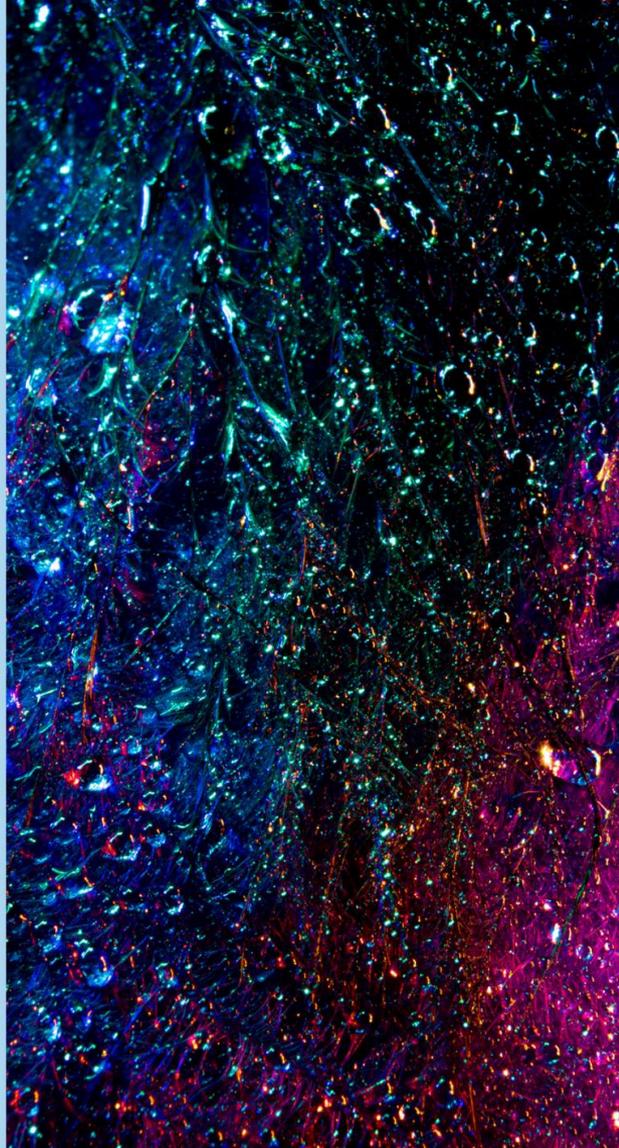


B. R. De Oliveira

Pseudo-Sonetos Randômicos



B. R. De Oliveira

Pseudo-Sonetos Randômicos



Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora. **Correção ortográfica:** Lucas Rodrigues de Oliveira.



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Ficha Catalográfica

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

O48p

Oliveira, Bruno Rodrigues de

Pseudo-sonetos randômicos / Bruno Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2023.
67p.

Livro em PDF

ISBN 978-65-81460-81-5

DOI <https://doi.org/10.46420/9786581460815>

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Oliveira, Bruno Rodrigues de. II. Título.

CDD 869.91

Índice para catálogo sistemático

I. Poesia : Literatura brasileira

Prólogo

Os poemas aqui apresentados foram escritos entre novembro de 2022 e março de 2023, exceto um ou outro que são poemas antigos adaptados. Não há um tema central pelo qual eles orbitam, por isso, o título deste e-book inclui a palavra randômico, e também por não estarem dispostos na ordem de composição.

Ao escrever estes poemas pretendeu-se manter uma única métrica fixa: a quantidade de versos é 14, assim como no Soneto. Entretanto, as demais métricas e esquemas de rimas e ritmos variam randomicamente. A forma clássica do Soneto, compreendendo dois quartetos e dois tercetos, foi permutada de muitos modos. Mesmo que alguns dos poemas estejam construídos nesta famígera estrutura, ainda assim, alguns deles não são Sonetos, principalmente por não terem “a volta” característica (seja petrarquiano ou shakespeariano), que encerra nos versos finais a conclusão para as premissas apresentadas nos versos precedentes. Deste modo, optou-se aqui por nomear estes poemas de Pseudo-Sonetos.

A maioria dos poemas contém um qrcode com um link para as declamações no Youtube. Basta clicar no qrcode ou apontar sua câmera para o qrcode para ser direcionado aos vídeos. As declamações são acompanhadas dos textos dos poemas.

O intuito é também proporcionar ao leitor uma experiência auditiva, de acordo com a forma que concebi a cadência e a expressividade de cada poema. É claro que isso não deve inibir o leitor a experimentar seu próprio modo de declamação e expressão, já que os poemas se amoldam a cada um.

Para ouvir todos os poemas em sequência acesse a [Playlist](#).

Dedico
a minha esposa **Camila**;
aos meus filhos **Felipe e Maria Helena**;
aos meus pais **Mauro e Fátima**.

Sumário

Prólogo.....	4
O feto e o útero-mãe	11
A chuva antes e depois de ti	12
O galo que selou a rejeição	13
Onde acho confiança?	14
Na noite, o ninar do Medo.....	15
Morte e casamento das sortes.....	16
Janela mentecapta.....	17
Envergonhada Felicidade	18
Me deixe ser sua morada	19
O balanço que revela o horizonte.....	20
De tropeço em tropeço	21

Cabo de guerra.....	22
Um par.....	23
A princesa na torre-prisão.....	26
A partida da minha parte.....	27
Pincelando saudade em telas sem nexo.....	28
Astrônomo do amor.....	29
O presente de presente.....	30
Te peço só um único abraço.....	31
Ao sentar na varanda de casa.....	32
Chiclete de sonhos.....	40
Enquanto espero-te chegar.....	41
A ambiguidade da realidade.....	42
O bêbado na sala do trono.....	43
Um salmo do eu-violão.....	44

A sabedoria da feira livre.....	45
O caminho da água	46
O sangue da cruz aspergido no barro.....	47
Abandone o vale.....	48
Pequenos problemas num entardecer	49
Embaixo da ponte.....	50
Sermão da Montanha.....	51
Te esqueci?	52
Buraco negro.....	53
O riso da criança.....	54
Férias remuneradas.....	55
Diva tempestade	59
Minha outra realidade	60
O deus cego e mudo	61

Uma receita com perdões.....	62
Crescer como as árvores crescem.....	63
O bebê-Jesus.....	64
Sobre o autor.....	67

O feto e o útero-mãe



Deleito-me ao pulsar do coração, ondeando o miúdo corpo juvenil,
mergulhado num mar cálido, pacato, ancorado no cordão da vida em ti.
Não enxergo limiares uterinos, dada a turvação por olhos sem visão,
mas percebo, cintilando corpo afora, mui estrelas na barriga que é meu céu.

Pela abóboda senti seu bem-querer, tal qual Deus cariciando a criação,
inalei seu tenro amor engrinaldar, irrorando comoções tangendo em mim.
Suas dúvidas zangaram o coração, transmitindo arritmia para o meu.
Pelas lágrimas internas e os sons, recalcando a flor-amor em florescer,
meus singelos toques brandos perecíveis, encrustados de ternura com vigor,
frente à angústia permeando sua alma, pouco ou nada tinham a lhe oferecer.

Ouvi vozes murmurando “Cytotec”... e endorfina inundando o nosso ser.
Nuvens negras encobriram o meu céu, respirando sua certeza nos pulmões.
O amor, como flor murcha abandonada, foi deixado simplesmente pra esquecer.
Céu rasguei e rastejei pelo seu corpo, mordi a cava¹ e silencieci os corações.

¹ Referência a veia cava inferior/superior do coração.

A chuva antes e depois de ti

Das nuvens trago a amarga chuva
a chuva braba do meu céu,
o céu o teto do meu mundo,
o mundo que me é tão cruel.

Fraquejo em seu beijo profundo
inexprimível em papel.
Delongo seu encanto quando

em ti desliza o branco véu:
a sua alma revelando
(o cascar de uma uva só).

Das nuvens sorvo a doce chuva
a chuva mansa do meu céu,
o céu o teto do meu mundo,
o mundo que me é tão seu.



O galo que selou a rejeição

O estulto galo na terceira anunciou
e a profecia não ignota se cumpriu.
A negação envergonhada culminou
na tentativa de esconder a Quem serviu.

E a promessa de morrer pra não negar,
fragmentada bem em três, estilhaçou.
Pelo escândalo fingido suportar,
em seu delírio o propósito arruinou.

O oculto galo então cumpriu sua função.
Mostrou a Pedro que Deus Filho é o Senhor,
pois um futuro contrariado revelou

advertindo sobre a consumação
da Sua morte, concluída em esplendor
para salvar mesmo o amigo que O negou.



Onde acho confiança?

Não se compra Confiança na tendinha da esquina
nem se planta sua muda lá no fundo do quintal.
Confiança é conseguida escalando uma montanha,
indo a pé, cabeça ao sol, abandonando o que há

nas suas malas do passado todo de atitudes
tolas, mal pensadas, esquecidas numa ruazinha
qualquer, entre o fétido esgoto tenebroso.

Não se ganha Confiança pelo jogo de xadrez
nem se forja seu escudo numa fogueira banal.
Confiança é conseguida batalhando na trincheira
cara em lama, medo à face, abatendo o que há

entre as almas empenhadas a juntarem suas
forças; o que estorva, por temor, um ao outro se
entregar, ao vendado atirar-se pelo ar.



Na noite, o ninar do Medo



Passeio natural com o Medo pelas travessas da vida.
Sem concluir as despedidas, comigo ele vai ao todo.
Uma sombra no escuro que na alma é envolvida,
arranca tufo de cabelo ao demover-me do engodo.

O Medo é paterno e duro, fiel a si mais que um cão.
Sedicioso aos falsos não segredados com paciência.
Companheiro inoportuno não dispensa um sermão,
sua vontade prevalece, infecunda é minha clemência.

Vaidoso e ciumento, o Medo nunca a si descansa,
baila amiúde encovadas danças, que aprendi só de espiar.
Atropela-me no salão, os meus passos, sem temperança.
Não encobre o receio, de ver-me com outro par bailar.

Nos embalos da cantiga, em sua voz eu vou dormir.
Ninando-me qual unigênito, o Medo vê-me etéreo sorrir.

Morte e casamento das sortes

A boa sorte surgiu na porta sorrindo.
Meio assustado eu a acertei em cheio.
Caiu veloz, igual a um prédio ruindo.
Então corri, pra entender meu devaneio.

E a má sorte apareceu em meu portão.
De mãos erguidas, exclamou seu desalento.
Gritando aos berros não aguentar a solidão.
Me coagiu a dar minha mão em casamento.

O padre André abençoou o nosso enlace.
Desnorteados rumei pra lua de mel.
Anoitecendo, desespero ao ver a face
do que escolhi, se revolvendo em tropel.

Desesperado me vesti do meu disfarce
saí nas ruas mendigando sorte ao léu.



Janela mentecapta

Janela odiosa que minora o meu mundo
antes da cortina despir, a mim engodou.
Minha angústia rapadura foi sim doce e melada,
mas meus dentes podres não sustem a dureza.

A água na boca me deixou bem mais sedento.
Pensei que de um pôr do sol enfim eu gozaria.
Sua grandeza acanhada foi-me tão hostil e quente,
mas descobri calado que ainda estava verde.

Nua enxerguei cabisbaixo a sua vulva ardente.
Pensei medroso em sua pretensa virgindade,
deletério mantive cada pedaço de vontade.

Por entre os dedos escorreu meu terno canto,
me vi correndo da mentira revelada
para lotar de falsidades as promessas.



Envergonhada Felicidade

Felicidade corre livre em minha frente,
e quando cansa, ela descansa pra parar.
Ao alcançá-la eu desfruto sua presença.
Ao me notar foge pejosa e deixa ausência.

Disparo falto e aflito ao seu encaço,
esperançoso pra ver cansaço brotar.
Mas minhas pernas e os pés já muito fracos,
ao desistirem tornam a esperança em cacos.

Ao vê-la indo, sumindo no horizonte
sem um adeus que então pudesse resgatar
qualquer anelo de tê-la um pouco perto,
é só fumaça que nem cheiro sai no ar.

Te dou a mão, afável Infelicidade!
Que paciente ande comigo a céu aberto.



Me deixe ser sua morada

Quero ser sua casa pra que more aqui
e pinte as desbotadas paredes em mim;
que troque os móveis brancos colorindo,
ponha quadros na parede, bagunce a pia.

Lembre-se dos cobertores aqui sim faz frio.
Traga o ferro de passar pra desamarrotar
os meus sentimentos brancos guardados em mim
cheirando a naftalina, tão antigos.

A você entrego as minhas chaves todas
por favor não faça cópias, quero só você.
Entre na porta do fundo, a frente estraguei.

Mas não precisa bater ela está aberta.
Ao passar se certifique de fechá-la bem.
Eu serei sua morada e de mais ninguém.



O balanço que revela o horizonte

Desci do balanço infante da praça
que balançou eu em toda a sua graça.
Momentos singelos sem hora marcada
no vai-e-vem, balanço de forma educada.

Levou-me às alturas, por cima do muro
deixei um sorriso de adulto imaturo
gargalhar na praça tal numa festança
de balões festivos, com música e dança.

Perdi o horizonte saindo da praça
olhei minha face em uma vidraça
e vi um coitado andando de lado,
tal qual caranguejo perdido do fado.

Voltei meia-volta pensando no muro
naquele instante autêntico e puro.



De tropeço em tropeço

De tropeço em tropeço eu esqueço o motivo da queda
e quedar-se gemendo no chão tem me sido normal.

Anormal é o mundo a volta não chocalhar graça,
mas engraça a mão que se move pra me ajudar.

De tropeço em tropeço eu conheço o instante do “oh!”,
e fobó o sorriso estridente a relinchar prazer.

Aprazer piedade sincera destoando a massa,
é devassa maneira simplória pra vir solidão.

De tropeço em tropeço eu padeço as velhas feridas
inferidas dos gestos silentes flechados em mim
da mirim compaixão retraída escondida à vista.

De tropeço em tropeço o começo de um novo tropeço
que tropeça servindo a tropeço porque eu esqueço:
se eu conheço, então eu padeço, o mesmo tropeço.



Cabo de guerra

Eu puxo pra cá, você puxa pra lá
a gente se esforça e vê que não dá.
Hora fico na frente, hora você atrás
o caminho vencido o outro logo desfaz.

Eu vou à esquerda, você à direita,
puxamos a corda e a razão se estreita,
cada qual quer o outro no lado que é seu,
pois supõe a verdade empossada no eu.

É um cabo de guerra a não se romper,
mas há uma escolha pra ambos vencer:
deixar que o cabo se escape das mãos;
dar cabo a guerra, seguir como irmãos

gerindo as discórdias pra o elo manter,
nosso cabo de afeto, forte a nos suster.



Um par

I

a dois tudo é
de mãos dadas
uma bengala
nosso apoio

somos um
isso é certo
o que falta
está perto

impotentes
um caído
aos abraços
nossa fé

nos completa
em nós mesmos

II

pela metade
dividimos
um ao outro
construímos

lado a lado
pouco é muito
o outro supri
ainda distante

não vencidos
um de pé
levantamos
nada abala

nosso elo
é eterno

III

a dois tudo é pela metade
de mãos dadas dividimos
um ao outro, uma bengala
nosso apoio construímos

lado a lado, somos um
pouco é muito, isso é certo
o que falta o outro supri
ainda distante, está perto

impotentes, não vencidos
um caído, um de pé
levantamos aos abraços
nada abala nossa fé

nosso elo, nos completa
é eterno em nós mesmos

A princesa na torre-prisão

Punho na cara, roleta da sorte
e morte. Na face enjambrada
camufla a dor. Expelida da boca

a alma escapa em sangue encharcada,
cuspida no chão. Os dentes na sopa,
sorvendo banguela o caldo em fervor,

porque morro de amor. O santo Antônio
fez-me em casamento, de véu e grinalda
anelei ilusão. No toque das mãos fabulei
ser princesa. O Castelo de cartas ruim. Bebido

o vinho em taças quebradas cortantes
nos pulsos chorando gotículas tinto,
na roleta russa da sorte premente...
matei o carrasco na torre-prisão.



A partida da minha parte



Dói tanto sentir em mim o rijo golpe da despedida,
que é decidida sem lida, mas porque sinto que é assim?
Quando o amor pela amada é insuportável dor repentina,
o intolerável calor da partida é frio molesto que estagna.

Na rabeira do futuro oscilante sigo adiante e costuro incertezas.
Antes soubesse coser um moletom, precinto a vinda de muitas friezas.
Sinto-me amplamente ansioso e me desconheço ao me ver
partido em pequeninos cristais, gélidos, pontiagudos e desiguais.
Sinto-me contidamente curioso com como será o que há de ser.
Então eu percebo...

A parte em mim enrijece a cada instante.
Longe do fogo permanece congelada.
A outra em chamas ela carrega bem distante.
Como castigo devo me aquecer com nada.

Pincelando saudade em telas sem nexo



A saudade voou livre e elegante na brisa límpida e lenta do descaso,
ela pintada de cinzentas claras tintas, em telas nuas e sem nexo causal.
Gotas chorosas que da chuva sibilaram, soaram frias as tristezas deste céu,
borrando as tortas pinceladas derrapadas nas telas de asperezas refletindo o eu.

Nas lutuosas cenas toscas espelhadas, profundidade desenhei para o porvir,
e as imagens da saudade entristecida ignoravam o sonho alado do voltar.
Pintei esperança embriagada na calçada, que cabisbaixa rabiscava o antigo eu,
em terras mortas no silêncio da cantiga, nos tempos dos fartos amores embalar.

Finda as tintas usei lágrimas nas flores tão desbotadas como meu querer sorrir.
Enebriado pelos beijos esquecidos, olhei por cima o horizonte enfim sumiu.
Queimeei as telas e andei pelas esquinas, eternamente circulando o pesar meu,

imaginando que a saudade à espreita, voava livre com vontade de pousar.
Destino bruto usurpou-me o meu mundo, covardemente não ficou para lutar;
a levou presa na gaiola vil e imunda. Minha saudade voar não mais saberá.

Astrônomo do amor

Te convido a espiar
as estrelas no quintal
pelos olhos da luneta
num lençol bem informal.
Sou astrônomo do amor
os céus posso lhe mostrar
expor a constelação
com tua mão vou desenhar
as linhas do coração,
lâmparas do meu céu
clareando toda a noite
os apegos sem o véu
 que envolvem as paixões
 logo anelo que me acoite.



O presente de presente

Recebi o presente do universo,
mas eu não desatei seu laço,
porque o passado traz embaraço
e o futuro precinto disperso.

Sou curioso com o presente.
O que é que ele tem pra mim?
Mas o passado me diz assim:
que o futuro pode ser ausente.

Então o meu presente agarro,
destruindo o belo embrulho.
O passado sorri com orgulho
pois o futuro eu desamarro.

E o futuro que já é presente,
logo vai passado em minha mente.



Te peço só um único abraço



Eu queria forte lhe abraçar, mas você tem tantas quinas
que até mesmo só de olhar, sinto as pontadas que sentiria
se eu pudesse lhe abraçar, mas em tudo tu opinas
e sempre julgas meu olhar, prevendo o que eu sentiria

quando lograsse lhe abraçar, sem me dispor das jogatinas
que tu infringes no olhar. Pra lhe tocar, eu sentiria
até mui dor pra lhe abraçar ou mesmo subir as colinas
descalço, tapando o olhar, para provar que eu sentiria

qualquer revés pra lhe abraçar naquelas partes que são finas,
mas não perfuram meu olhar, pois ternas, dores sentiria
pra só uma vez lhe abraçar, sem então vetar as toxinas

que tu liberas no olhar, ao entender que eu sentiria,
o seu amor ao lhe abraçar, mesmo que sejam libertinas
maneiras torpes ao olhar o fugaz amor que eu sentiria.

Ao sentar na varanda de casa



I

Pingo d'água, pingo d'água que cais mudo pelo ar
nesta tarde enalorada quero o teu cheiro sentir.
Pôr do sol vai na estrada embebendo o esperar.
Gotas lisas que se apagam no meu canto de pedir
que as rosas lindas cálidas floresçam no espaço
e os belos sons dos pássaros augustos e sem par
ignorem minha alma que é folclórica e rechaço,
porque eu conheço um maço de mentira ao farejar.
Eu anseio que me iluda e me peça um pouco d'água
lá em casa tenho um manto que outrora fora seu.
As perguntas fumegadas na floresta que se frágua
tem respostas intragáveis vaporadas em meu breu.
Quando escuto teus gemidos se arrastando pelo barro
logo brado breve prece aprendida ao luar.

II

Não suporto viver longe dos temperos do meu jarro
porque já me acostumei em minhas pernas tropeçar.
Se blefei um pingo d'água foi por pura ironia
desconheço juventude estrinchada sem ideais.
Eu calculo as estações desprezando a sincronia,
mas as dúvidas inertes não precisam ser reais.
O sol que se põe no leste em oculto segredou
que nem mesmo uma equação nos poderia revelar
que o pingo d'água é ouro que um dia alguém pintou
e os fios do meu cabelo podem com o vento dançar.
Eu duvido da promessa, mas espero um dia ver
uma tarde deprimida escondendo a luz do sol,
nuvens grossas e tranquilas esperando o amanhecer,
vacas berrando no pasto pelo milho do paiol.

III

E os girassóis errantes, já que o céu escureceu
pelos tantos pingos d'água orgulhosos da função,
vadiaram pelo campo esquecendo o céu seu
junto às pedras esquecidas e pisadas pelo chão.
No farol equidistante da província do rancor
e do obelisco impuro construído só por mim,
conto as delações vagantes lambuzadas de esplendor
esquecendo do princípio da aurora em estopim.
Mas me aqueço na imagem da fogueira envaidecida
que diatópica me ilude a errar enquanto eu.
Divagando no destino avermelhado e genocida
lembro da estupidez que um dia me fez ser ateu.
A vergonha que inflama esfumaça em tom de mel,
mas a lenha incendiada se expurga enquanto ri.

IV

Dissipado pelos campos se esconde sob o véu
que a noiva abandona nos desejos que eu morri.
Preocupado em ser sensato me escondi em seu lugar
pus meu coração num saco e contive qualquer som.
Num escuro tão ingrato pelejei pra me enxergar
retocar a maquiagem sem borrar o meu batom.
O cachorro que se coça me ensinou uma lição:
não existe pingo d'água desenhado em meu papel.
Minha máquina sem tinta criou toda essa ilusão
o sol brilha esbaforido no recente limpo céu.
A vassoura se apresenta e se impõe para o labor,
mas a abelha vagueando não encontra o pólen seu.
Minhas pétalas imundas a esperam em sabor
entretendo-se na musicalidade de Orfeu.

V

Já nasceu em tempo livre de arbustos tão cruéis
uma linda rosa imersa nos coqueiros varonis,
martelando sua espada em escusas de bordeis
escutou silenciosa o grito imundo dos servis.
Como um pássaro granjeiro estonteado no calor
das florestas destruídas pela chama do cristal,
já doeu em muitas vidas o propósito em penhor
que as frijas gotas d'águas se puseram em pedestal.
Laborei imensos rios na fartura sem pesar.
Por motivos que não digo eu deixei um beijo aqui
aguardando um pedido que me burle a suportar
tudo que aguentei calado, porque não sai daqui.
De ouvir tantos rumores empreguei dois algodões
entupindo meus ouvidos para encantos discernir.

VI

Pela direção amarga afligi sem mais querer,
pois os príncipes da rua estiveram em pretensão
de poupar suas riquezas usurpando, ao meu ver,
toda a mágoa despejada de lambuja sobre o não.
Arrisquei pisar no barro que um dia fora meu,
mas o vento sibilante ecoou o azul do céu
mesmo estando tão risonho eu notei quem sucedeu
a herança resgatada do seu quarto de hotel.
A esperança besuntada de sorvete de caju,
entreveiro de mosquito esquecido por querer,
gosto adocicado e murcho de palavras da Juju,
que é Juliana em tudo, até quando não quer ser.
Folhas dizem que são verdes. Desconfio dessa fé.
Tenho andado em tantos mares que não posso obedecer.

VII

Já que experimentei de todo tipo de café
grito louco pelas praças que não há de acontecer
o que diz a profecia, derretida em ilusão,
que eu conheci um dia o profeta que parou
na esquina das esquinas sopesando sua visão,
mas que louco então fugiu se esquecendo que agourou.
Meu telhado é de barro, mas suporta um temporal.
Sigo meu andar descalço tentando sempre o mar.
Os espinhos andarilhos que me seguem via oral,
não rejeitam meus sinceros acalentos sempre em par.
Todo dia na estrada alguém para a descansar,
olha os calos esquecidos pra lembrar de onde vem.
Incansavelmente vago são os tronos do sonhar,
pois em meu descanso ao léu, eu não sei o que retém.

VIII

Polvilhando os embaraços dos lamentos intrincados
posso me enroscar no laço e brigar com qualquer um.
Há temores postergados pelos troncos alocados
para florescer as ramas das promessas em jejum.
O apito que irrita custa caro pra esquecer.
Onde subo a colina há palhagem de arroz.
Se eu sou tão intrometido como pintam o meu ser
escorrego na escada porque sei: meu pai depôs.
Papagaio linguarudo ficou verde e enjoou,
estupidamente insano olvidou embebedar
as lamúrias da autópsia, que externa exalou,
sua última fragrância antes mesmo de piscar.
Paranoico e rebuscado com as filhas do senhor
trouxe antes da paródia, seu singelo paladar.

Chiclete de sonhos



Deixei um sorriso escorrer pela face, molhando a lamúria adensada nos dentes daqueles tropeços sabores infames. Sequei o sorriso com um lenço sensato guardei-o no bolso de mundos secretos, depois mastiguei um chiclete de sonhos.

O hálito fresco o céu bucal brilhou, enquanto as papilas enchiam balões pra voar as aves na boca engenhosa. Ardeu a garganta à deriva, enquanto tragava o teor do fluído azul, estranho, viscoso mais límpido em si.

Pensadas pegadas no pulo esquecido, trancado em vão no ouvido senil, em falta, no canto empilhado de horror. Troquei as palavras por torpes acenos, crescida a acidez na tramela da mente, olvidei de abrigar o imprudente humor. Pensamento insosso, urtiga do ser, transviado imerso num oco vazio,

correu instintivo buscando alguém. Gritei que era eu, mas me aborreci, trovei novamente um pouco de açúcar pra adocicar as papilas ardentes. Cuspi o chiclete na beira da pista, deixei que voassem as aves bocais pra aliviar os horrores da mente, e me degustar na saliva de sonhos.

Enquanto espero-te chegar

Aflige meu espírito, se escorrega entre os dedos
os desejos não a mim sujeitos, que se vão
desobedientes, como o vento manifesto aqui,
e já não mais, indo por aí quem sabe ou não.

Controlar qualquer um ente, é plantar mera ilusão
nas arestas da minha mente, onde não se falta fé,
e transborda a certeza que camuflo de esperteza,
ainda que a luz acessa esconda a espera em pé.

Se encaro o real, que me é caro, mas transmuta,
posso enveredar minha luta a alguém. O que vejo
entre as poças de esperança, infiltradas nesta crença
do impossível, manifesto frente àquilo ao qual pelejo.

Enfim, quando a porta se abre, e o real materializa,
a fé se esvai como uma brisa, que hora é, e já não mais.



A ambiguidade da realidade

A realidade flutua entre as margens da convicção burlando a certeza entalhada em madeira, à maneira poética inata da ambiguidade que nasce ao pensar.

Escuta-se que as nossas vozes ecoam ao descaso, chegando à margem oposta torcidas, tal como vendaval nos cumes dos montes não soam iguais.

Absorto e queimado o juízo na pilha de escombros das velhas madeiras (pilares do templo), no tempo do aprendizado encucado desde o amanhecer, é porque somos ricos de ignorâncias que escapam à razão.

A realidade flutua “a torto e a direito” em frente a estátua erigida do conhecimento, pois oxidado seus pés indecisos (forjados pra todo o sempre durar), nos resta escolher uma margem do rio... e ali repousar.



O bêbado na sala do trono



O bêbado grita correndo no escuro “Socorro! Socorro!”, vem ele outra vez fingindo que esquece, torcendo o nariz. Abana as mãos apontando pra luz se pergunta “onde é que estão as muletas do rei?”. Balanço a cabeça incrédulo e mudo, eu corro pra vila, resposta não sei, mas por que eu corri?

Encontro as muletas a meio-caminho, olhando pra o céu eu dou graças a Deus. Sondar no escuro instante da vida, com um bêbado podre encima de mim, gritando “Socorro! Socorro!” no breu tropicando no nobre caminho de giz, um pulcro traçado a mão em um tempo que as pernas lhe eram apoios servis.

O rei me espera sentado no trono, fumando nebulas a fulva coroa. Adentro a antessala. Os guardas apostos sorriem gozando do manco sabujo provindo do escuro, com calos nos pés mais descalços que a mente daqueles que veem o bêbado inútil, sujeira da rua. “Achou as muletas suportes do rei!”.

De pé nas colunas sob as axilas o rei me oferece um manto real, um bernal de moedas e sapatos de salto. Vou pelo caminho de giz.

Um salmo do eu-violão

À mão invisível.

Segundo à melodia: O eu-violão.



Ó mão invisível que tensionas minh'alma,
afinas-me ao teu pontear,
teses-me à perfeita eufonia,
para ressoar sublime a melodia celeste.

Ó mão invisível que harmonizas minh'alma,
dedilhes-me com teus divos acordes,
tanjas-me os ritmos dos céus,
para cadenciar no compasso dos santos.

Ó mão invisível que orquestras minh'alma,
arranjes-me como a ungida sinfonia,
componhas-me na pauta angelical,
para retumbar nos céus meu amor por ti.

A sabedoria da feira livre

Caldo de cana com pastel.
Um banquinho de madeira.
Numa feira da semana
pode ser na quinta-feira.

Algazarra de expressões.
Simples risos infantis.
É o saber popular.
dessa gente de gentis.

É um caldo de razões
sem certezas pra empenhar,
livres pelo pensamento
pessoal do popular.

Qualquer coisa que se diga quando tem “acho” na frente
acovarda qualquer briga nos mantendo diferentes.



O caminho da água

A água segue libertina seu caminho
que é bem traçado tal qual o destino dado.
Sejam terrenos, ou por pedras ou nos matos
que da água sabem: não conhecem o seu fado.

Essa tolhida liberdade sempre e sã
se entre ajeita nos meandros mais sutis,
e passo a passo é conquistada sem afã.
Ela é plena, no que pode ser em ti.

A água segue para seu futuro incerto
com sua calda a recordar os seus apertos.
Talvez pudesse de outros modos e trejeitos
chegar ao mar por um caminho que não o seu.

Mas se não o seu, nele é que não escorreria.
Se há destino, deve haver bem mais que um.



O sangue da cruz aspergido no barro

A escultura nasceu muito antes da Hora,
e o barro molhado, enganado, calou.
Sorvendo venturas em terras sozinhas
nas preces que enfim numa cruz se bastou.

O sangue ardente se aspergiu no barro
rasgou-se o véu que na cruz separou
o tempo da morte do tempo da vida,
na ressurreição que o Filho agourou.

O barro secado no forno da graça
trincou-se inteiro com o fogo-razão.
Perdendo o azeite, conserva da alma,
se esboroou como areia na mão.

Os remanescentes tutores da Fé
aguardam o Filho, ansiosos, de pé.



Abandone o vale

Deixe sua dor no vale dos esquecidos.
Escorra seu drama no leito do rio.
Acenda a tocha e queime as feridas.
Envolta do fogo abrace a evasão.

Finja que o mundo é surdo pra vida.
Olhe em volta e perceba o motim.
Escute em silêncio o uivo escuso.

Afete a mente e destrua o juízo.
Pense nos modos talando pesar.
Corra, se abrigue, lá vem vendaval.

Esqueça o vale e voe pra além.
Soterre o rio, navegue pra o mar.
Enterre a dor embaixo das cinzas.
Tape os ouvidos, e emudeça a razão.



Pequenos problemas num entardecer



Minha luta, que não folga, nem alcança
foge a caça, corre o laço, não descansa.
Perde o tempo corre lento da afronta
(sem meus lábios estou nu vagueando por aí).

O que eu ouço? O que sinto? Eu não minto, mas invento
um pouquinho... desferir, açoitar, sem a culpa que é nossa
que eu não possa arrepender de ir à luta, de querer
que o medo que derrota deixe de prevalecer.

A tormenta que deforma não mais minha, corre e foge.
Predador meu pensamento, preda a presa em tormento.
Se não vejo quem já sou, não me cuido, nem descuido que findou.

Quem partiu?
Quem ficou?
Não há nada a fazer.

Embaixo da ponte

Luz reluzente ofusca o caminho,
nebula os percalços. Vejo o menino
fugindo correndo pela floresta,
embaixo da ponte ela se esconde.

Pare menino! E tome a luz.
Pegue o caminho e vá a floresta,
abafe os gritos da alma dela.

Luz reluzente indica o caminho,
clareia os percalços. Vejo o menino
tomando atalho pela floresta,
embaixo da ponte ele se esconde.

Corre menino! E fuja da luz.
Pule o caminho e vá a floresta,
socorra os gritos da alma dela.



Sermão da Montanha²

Espero
que o tempo
me encontre
em pé? Sim!
Mas ele
espera
que eu esteja
caída.
Tenha dó
explosão!
Acalme
e pare
o humano,
que eu calo.

² A lateral esquerda do soneto forma a silhueta de uma montanha.

Te esqueci?

Te esquecer, pois sei te ter não poderei.
Entre os sonhos, acordado eu sonhei
que esquecer me era proibido em lei.

Revivi velhas imagens desbotadas
pincelando-as com dedos-aquarelas,
destas cenas não metidas em molduras.

Percorri nossa estrada pitoresca.
Pervertendo minha lógica poética
inventei visão feliz que fosse edfílica
pra não ver-te indo embora ainda mística.

Acordei bebendo da realidade
boca seca, insatisfeito pela sede.
Entre sonhos a miragem: um açude.
Te esqueci fonte árida em quietude.



Buraco negro

A sombra da morte me escureceu.
O sol do destino covarde calou,
nublando o rompante, perdido o calor,
estremeceu o solo, o apoio se foi.

Um buraco negro surgiu pra que veja:
horizonte de eventos mastigando eu.

Despida a alma, pobre negro cruel
matou-me no escuro sem me conhecer.
Desabrochou desejo de ir-me daqui,
sem corpo sozinho no escuro além.

Voando sem asas do céu pude ver
a vida sem mim, qu'era eu, mas não sei;
Não para, prossegue, história se esvai
fluindo no enxurro a fim de esquecer.



O riso da criança

Uma criança maquiada de esperança
corre sorrateiramente enquanto ri,
pelo vão do desterro acenando entremeio
arbustos absurdos de atitudes vis.

Camuflando horrores aderidos aos fatos
enigmaticamente insensatos,
ela pula os percalços, ignora os laços,
protegendo inocentemente os passos.

Cantarolando o riso, num piscar de alegria
a infante estremece a criação
dos delírios sorrisos, tão friamente esquecidos,
estampados de aparências fugidias.

A criança em verdade, inverdades ofusca
procurando incessantemente rir.



Férias remuneradas

I

Não sei se hoje vai chover
ou se haverá um casamento.
Talvez eu compre três maçãs
ou traga só o pão de queijo.
Casualmente vou de carro
ou em meus pés, devagarinho.
Ouvir Chopin no meu sofá
ou dar ração para o cabrito.
A roupa limpa vou guardar
ou perder tempo na novela.
Espreguiçar chamando o sono
ou rabiscar meias verdades.
Inusitado trovar alto
ou gravar pássaros cantando.



II

Um livro chato folhear
ou reformar uma parede.
Verificar o omeprazol
ou costurar as roupas velhas.
Jamais pensar sobre o trabalho
ou se a política vai bem.
Escutar quem não sabe nada
ou arrumar a biblioteca.
Fritar um ovo amanteigado
ou brincar pela casa afora.
Matar formigas no jardim
ou vislumbrar o azul do céu.
Ficar na rede balançando
ou morrer mesmo trabalhando.

III

Um dia posso ser sincero
ou lorotar pra alguém sorrir.
As cartas do correio abrir
ou tomar pouco de um chá.
Regar as flores no jardim
ou plantar pinhos de natal.
Quem sabe retirar o pó
ou comer pão sem esfarelar.
Pela manhã ver meu pomar
ou me estressar com o jornal.
Brincar de esconder a mim
ou minhas chaves procurar.
A panturrilha exercitar
ou fazer suco de melão.

IV

Do violão tirar um som
ou esperar o sol se pôr.
Pensar no poste da esquina
ou nos remédios do hospital.
Armar a rede pra dormir
ou lavar roupa toda tarde.
Alimentar o unicórnio
ou pincelar gotas de chuva.
Socar o dedo no nariz
ou pensar alto sobre o mar.
Compor um verso imbecil
ou resolver uma equação.
Hoje será tem novidade
ou o amanhã já aconteceu?

Diva tempestade

Caia sobre mim raio divino
parta-me pra que eu seja duas
opostas e desleixadas suas
partes incongruentes. Menino
escondido em baixo da cama,
deixe seu medo se perder na luz
e os pensamentos sob esse capuz
imundos, corroídos. A trama
envolvendo o destino da alma
só revela a dor desse carma
apegado à vida. No drama
traído, encorpado sozinho
no escuro do quarto, meu ninho
não protege mais. Minh'alma clama.



Minha outra realidade

Absorvi transgressões imputadas facciosas
porque bebi sincero a dor alheia, sua.
Infecciosamente adoecido, surtei
no precipício, boca do gigante faminto.

Dissolvi minha realidade em vermelho
pra injeta-la na veia do gigante nada;
vê-lo morrer envenenado, agoniando
pela insuportável dor em fluxo contínuo.

Voltei ao passado. Labirinto de caminhos
revelou-se ao nascer das escolhas casuais.
Quais deles me traria, onde, hoje, eu estou?
Nenhum esconde meu destino com você, mas sei
não há realidade uníssona em nós dois.



O deus cego e mudo

O deus mudo, antes do princípio do mundo,
em linguagem de sinais, principiou a criação.
Regendo as estrelas, com a batuta divinal,
compôs aglomerados de galáxias no além.
Arranjou cada molécula, em seu devido lugar
afinando a melodia entre incontáveis seres.

O deus cego, antes do princípio do ego,
sentiu sua criação e percebeu o que era bom.
Tropeçando no jardim, mergulhou ao solo só.
Num rompante criativo o suprasumo ser criou
pra guia-lo volta-ao-mundo, cantando sua criação,
compondo as formosuras em suas sensitivas formas.

Falando e vendo por deus, seu ego intumesceu,
ao céu tão alto subiu, que se fez melhor que deus.



Uma receita com perdões

Perdões temperam, a gosto, ou salgam
se o ácido paladar, saborido, envergonha
a língua inibida, camuflando a flama
do ódio gustativo, nas papilas das palavras

esquecidas nas ardências vermelhadas
de pimentas, proferidas na boca enganosa,
invadida, pelo reino da mentira ardida,
tão curtida, no limão, que insuportável é.

Sem perdões, o gosto, ignora o paladar;
fingindo, envergonhado, mudo ao sabor,
estar destemperadamente alienado,
mais insosso que água mole de chuva
(derretida das cuspidas, palavras mentais),
ressoadas do espírito, impalatavelmente só.



Crescer como as árvores crescem

Os carros, passam, passam, não param, se vão
julgando à vontade, à toa, minha estagnação
plena, consciente, mas forçosamente incrédula,
forçada pela megera, ela, a vida super exigente.

Ela me para, corta-me as pernas, me cola no chão
comportando-se tal professora, enfumaçando cigarro,
furibunda sem causa, impassível, gargalhando em delírio
pra o meu ávido olhar, a acompanhar, os carros que se são.

Quer ensinar, querendo que, aprenda eu, com ela, sobre crescer;
paradoxalmente, repete, escreve repetidamente, a mesma diretriz,
traduzida em miúdos, quer ela, que eu, seja feliz; mas os carros se vão...
buzinando fumaça, na cara, na minha; na dela não! Grita pra minha atenção,
indigitando árvores, fixas, sem táxi, subsistindo pra além da vida dos carros.



O bebê-Jesus

I

Ser Deus num corpinho de três quilos...
De tão frágil, mal consigo vislumbrar
a proeza de aos trinta e três vencer
a não-vida que é déspota sem dó.

Como pode esse invólucro conter
o poder magnânimo supremo,
incontível até além do universo,

existente antes mesmo do existir,
tão potente que ele fora ocultado,
segredado às regiões celestiais?

Sendo Deus esvaziei a deidade
conformando-me a esta pequenez.
Humildade escolhi como disfarce
pra velar sobre à morte a vencer.



II

Ser Deus num corpinho de três quilos...
Bem nutrido semelhante a um animal
excretando em mim mesmo os dejetos,
consciente da bestial humanidade,

faz justiça para a minha criação,
o trajar da sua pele obstinado,
já que incontáveis modos haveriam
pra trazer a esse mundo a salvação.

Do meu trono rebaixei-me a ser servil
um vassalo às leis terrenas temporais.
Ultrajado ainda diante dos milagres

toda aniquilação contive em mim,
pois na cruz absorvi todos os delitos
e explodi em salvação até os confins.

III

Ser Deus num corpinho de três quilos...
Aninado com amor pra adormecer
sonho os possíveis sonhos, todos-eles:

cada tempo que já foi e que há de ser;
e as almas em seu existencial caos
inventando suas fés pra suportar

a verdade que a todos se revela:
a função do ceifeiro pontual
(trabalhando para a morte, sem julgar),
ditador do seu destino final.

Os olhos dos meus pais a admirar
o presente vivo uno celestial,
ignoram toda a imensa dor que há
conhecer os que eu não redimirei.

Sobre o autor



Nasceu em Cassilândia, Mato Grosso do Sul (MS), em Janeiro de 1984, numa sexta-feira 13, do encontro entre Mauro e Fátima. Brincou de escrever poesias na adolescência, utilizando como matéria prima as paixões efêmeras desta fase. Viveu naquela cidade, banhada pelo rio Aporé, até 2002 quando se mudou para Chapadão do Sul-MS, juntamente com sua família. Um ano depois iniciou seus estudos no curso de Matemática da UEMS/Cassilândia. Ingressou no Judiciário Sul-Mato-Grossense em 2006, onde permanece. Entre 2007 e 2011 foi baterista na falecida Banda Contra Corrente, integrada por Josel, Gleison, Zezinho (Pedreiro) e Luís (Milionário). Nestes anos, bem como nos anteriores, compôs algumas canções e poesias no portal overmundo. Casou-se em 2009 com Camila, com quem pretende se casar o resto da vida. Voltou a escrever poesias, mas logo a falta de tempo o proibiu, porque em 2010 nasceu o primogênito Felipe, e cinco anos depois Maria Helena; ela a tempestade e ele a calmaria que vem depois. Em 2015 e

2020 concluiu o Mestrado e Doutorado em Engenharia Elétrica pela UNESP de Ilha Solteira, respectivamente. No ano seguinte, o Pós-doutorado pela UFMS/Chapadão do Sul. Em 2019 se uniu ao conselho de editores da Pantanal Editora, juntamente com Alan e Jorge.



**A poesia é uma ferramenta
cujo artesanão ignora seu uso.
Quem a usa, encontra suas
muitas utilidades.
Quem não a usa, concorda
com o artesanão.**

B. R. De Oliveira, 2023.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br